



PARLAPATICES: ENSAIO SOBRE A EPISTEMOPOÉTICA NA PESQUISA CIENTÍFICA

*Por: Marcus Venicius Filgueira de Medeiros¹
& Karlla Christine Araújo Sousa²*

Minha cabeça está exausta, confesso. Não cabe mais nenhuma palavra. Preciso, agora, fazer a seleção, ordená-las, colocá-las nos devidos lugares e, depois, saber como tudo poderá ser usado nesse processo de pós-leitura, de descobertas, de debulhar a literatura em nome da pesquisa proposta: performance, recepção, leitura, percepções, voz, oralidade. Para isso, até criei um neologismo: Epistemopoética. Isso, a ideia do meu projeto que foi iniciado de uma forma, mas que foi se enveredando por outros atalhos até chegar nesse ponto. Não como um voo de um passarinho, mas mediado pela leitura das linhas, das entrelinhas razoáveis e emotivas atravessadas por esse caminho, e que caminho! Eu sou uma pipa: eu me construo do aproveitamento de outros materiais, não nasci pronto, nunca desejei que o conhecimento fosse mágico, não, mas que fizesse a mágica de fazer o saber singular/plural; individual/coletivo do Eu-Tu nesse nós de nós dados, não às cegas, mas fiados no estado/ação de: Saber-fazer, saber-ser e saber-dizer. De repente um clic no meu juízo, no eco as vozes pulsantes de outrora com os seus chocalhos de parlapatices: Quem quer? Quem vai querer? Quem vai... Competências! Habilidades! O sujeito intérprete da enunciação.

Depois dessa plantação palavreada, agora posso apresentar aqui alguns caroços de coisas: **Epistemopoética - o contador de história e a arte do encantamento**. Este é o título da minha pesquisa, a ponta descascada de um trajeto

¹ Professor, escritor e contador de história. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PPGCISH-UERN. Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM) E-mail: marven_filme@hotmail.com.

² Profa. Adjunta IV no Departamento de Ciências Sociais e Humanas; Dra. Em Sociologia (UFPB); Coordenadora do PPGCISH-UERN; Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM) Email - karllasouza@uern.br.



do inacabado. Entendeu?! Vou explicar. É a indumentária dessa parte de mim enquanto sujeito de oralidade: professor, escritor e contador de história. Três dimensões apaixonadas por esse jogo de narrativas, de jogar palavras para o universo, nesse uni verso aqui de Mossoró, escolhi mais duas pessoas para se somarem em corporeidades nessa viagem sem volta; dois contadores de história, suas interpretações, leituras e rascunhos de re-existência como a provocação do Paul Zumthor (2018, p. 50): “A ilusão é própria da arte”. E qual o incômodo desse ir para o outro lado da rua em busca de colher a castanhola madura? Uma aflição que não se deseja ausente: **Como as narrativas biográficas contribuem para o processo de formação performativa e poética da oralidade do contador de história nos contextos em que foram/são tecidos?**

Nesse estado de ser no mundo, ilusionista, caminho com Goreth Medeiros e Rogenildo Silva, dois seres prosopoéticos, forjados nos intercâmbios entre quem fala e quem ouve; quem narra e quem escuta. Contadores de histórias, gente que se veste da indumentária do encantamento de si e do outro na poesia oralizada. E lá vem eu, como a linguagem oral, arraigado de redundância, de proselitismo, de repetições. Todavia é assim que eu concebo todo esse instante de sorver a fonte de inspiração para este diálogo permeado de sinceridade, de pertencimento, de atravessamentos de mim. Até tento ser diferente, mas não passa de puro fingimento. O fingimento que não tem gosto de verdade é azedo demais, por isso gosto desse jogo de parlapatices: Eu sou parlapatices, cobiço de assim ser – ainda tenho dificuldades de me bandear para um dos lados do paradoxo, eu aspiro desse prazer de lambar a linha e enfiar o fio na agulha, sair cosendo o universo na poética corrida dos sentidos, nos estados sinestésicos que a escrita vai permitindo. É uma sina, o enformar heterodiscursivo que me faz ser-sujeito-no-mundo. Para quê? **Compreender os sujeitos, as memórias e as narrativas orais de contadores de história nas suas trajetórias formativas, seus lugares de fala para a ressonância dessas vozes na performatividade.**

Eu não estou só: eu e meus sujeitos de pesquisa com as leituras, os discursos dialógicos e a direção do olhar da orientadora – Karlla Christine – que não me deixa “se” perder no devaneio. Ela sabe alinhar os carreteis, chamar para a realidade da coisa labiríntica de encontrar o fio de Ariadne nesse itinerário epistemopoético – a



fusão do conhecimento epistemológico com o conhecimento mais de subjetividade, de subjetivação para compor essa partitura de contação de história a partir do método biográfico, saber desse pertencimento, de como essas memórias contribuíram para a formação individual e coletiva de cada um. Existem passos? Sim: **1. Apresentar os contadores de história na luta corpoAtiva e performativa, no lugar de atuação e fala; 2. Inferir nas narrativas e memórias dos sujeitos narradores no processo co-labor-ativo de fala e de escuta; 3. Reconhecer o ser-sujeito de existencialidades reafirmando sua condição histórico social e cultural.**

Não é uma andança tão fácil, existem os riscos e seus graus, mas é um processo prazeroso, harmonioso, dialógico. Com o Paul Zumthor há a possível descoberta mais afiada com a performance, com a oralidade e com a escrita. Com ele, eu me sinto texto: interação, reiteração, poética, movimento, percepção... Percepção, eis a palavra que me inflama, me faz flama e se contorce por toda corporeidade. É ela, esse elo de ser prosa e de ser poética simultaneamente: tenho a emergência de ser texto, de ser dito, caso assim não seja, melhor me jogar num precipício, declamar um poema e virar a flande de vinho.

Depois desse abrimento de boca, vou respirar, beber um pouco de água e ser mais diretivo no que o texto chama: Performance. “Ar regras da performance – com efeito, regendo simultaneamente o tempo, o lugar, a finalidade da transmissão, a ação do locutor e, em ampla medida, a resposta do público”. (ZUMTHOR, 2018, p. 30). Porque os caminhos não são tão retos assim, inclusive quando se pensa em trazer o diferente, em plantar a ousadia, alinhar uma pesquisa na poética, na linguagem poética, na quebra do rigor metodológico, da quebra do receio de enfrentar os sisudos acadêmicos. A provocação vem, também, das ausências gestadas nessa sociedade ainda eurocêntrica, de desprestígio aos saberes mais empíricos, aflorados nas vivências, como também nas lutas de resistência de grupos calados ao longo da vida, em trajetórias contrárias ao progresso sem freio da linha sócio-histórico e cultural da humanidade. Eu caminho sob a ótica do Método Biográfico; do sujeito ser interlocutor, narrar de si, ser o ser da ação, da atuação da narrativa oral, da *heterobiografização*.



A análise, compreensão e interpretação da obra lida desarruma o interior de quem busca ser presença, ser no mundo, fazer arte e se estabelecer na superfície das relações interativas da memória, dos esquecimentos e das narrativas de vida de quem se concebe circundante nesse olhar retrospectivo e prospectivo de se recompor a partir dos estalos intrínsecos de narrar de si, de se enxergar na ótica do outro do seu processo de intersubjetividade. Não sei se consigo dizer, mas a escrita me absolve dos meus fantasmas, ela desarma a mim de ter soluços, de ficar com os braços a ver navios no açude esturricado,

É um recado: ciência não é brio nem filós; é a vida corrida, atravessando a rua, produzindo a combustão entre uns e outros; precisa ser um pirulito de açúcar de depois de almoço ou o cuscuz vendido no final da tarde. Precisa não ser amarga, mas corrente prazenteira de quem enxerga a existência como um pôr do sol. É um trabalho de sinestésias, de multiplicação dos sentidos, de deixar os sentidos serem: caneta, papel, tinta, folha, palavra, enredo.

Com respeito ao leitor: eu não rabiscaria esse ensaio de um ensaio de outra forma. Preciso ser pelas memórias de afetação de mim, pela ação de descoberta do pensamento Decolonial, da corporeidade e, depois de se sentir um ovo quebrando a casca, criar asas e sair voando pelo universo.

Não parece ser um trabalho científico, mas é sério. O nosso trabalho tem todo o rigor organizativo exigido pelos rigores acadêmicos, ele só não tem a “obediência”, porque depois que se aprender a voar, depois de encontrar a porta da gaiola aberta, impossível querer viver enquadrado, engaiolado, sob o ângulo de um peso do todo disciplin-a-dor.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. FERREIRA, Jerusa Pires; FENERICH, Suely (trad.). São Paulo: Ubu Editora, 2018.